

## 6.

**Referências bibliográficas**

ALLWRIGHT, D. & HANKS, J. *The Developing Learner: An Introduction to Exploratory Practice*. Hampshire, United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2009.

ASSIS-PETERSON, A. A. de, COX, M. I. P. & SANTOS, D. A. dos. *Crenças e Discursos: Aproximações*. In: SILVA, K. A. da. *Crenças, Discursos & Linguagem*. Campinas, SP: Pontes Editores. Volume 1. 2010.

ATINSON, J. M. & HERITAGE, J. *Transcript notation*. In: \_\_\_\_\_ *Structures of social action. Studies in conversation analysis*. Cambridge: CUP, 1984. P. ix-xvi.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. *Reflexões, Crenças e Emoções de Professores e da Formadora de Professores*. In: BARCELOS, A. M. F. & COELHO, H. S. H. (Orgs.). *Emoções, reflexões e (Trans)form(ações) de alunos, professores e formadores de professores de línguas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

BASTOS, L. C. *Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa*. Calidoscópico, vol. 3, n. 2, maio/agosto, 2005.

BASTOS, L. C. e MOITA LOPES, L. P. da. *Entre saberes interdisciplinares e práticas sociais – o estudo da identidade em abordagens contemporâneas*. In: BASTOS, L. C. e MOITA LOPES, L. P. da (orgs.). *Estudos de Identidade entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

BERTOLDO, Ernesto Sérgio. *O Contato-confronto com uma língua estrangeira. A subjetividade do sujeito bilíngüe*. In: Maria José Rodrigues Faria Coracini. (Org.). *Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas e Chapecó: Editora da UNICAMP e Editora Argos, 2003, p.83-118.

BLOCK, D. & CAMERON, D. (Eds.). *Introduction. In: Globalization and Language Teaching*. London: Routledge, 2002.

CANAGARAJAH, S. *Globalization, methods, and practice in periphery classrooms. In: BLOCK, D. & CAMERON, D. (Eds.) Globalization and Language Teaching*. London: Routledge, 2002.

CORACINI, M. J. R. F. *Língua estrangeira e língua materna: Uma questão de identidade. In: Maria José Rodrigues Faria Coracini. (Org.). Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas e Chapecó: Editora da UNICAMP e Editora Argos, 2003, p.139-159.

CRYSTAL, D. *English as a Global Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

DEMO, P. *Saber Pensar*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

FABRÍCIO, B. F. *Linguística Aplicada como Espaço de Desaprendizagem: Redescrições em Curso. In: Moita Lopes, L. P. da. (Org.). Por Uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

FARACO, C. A. *Linguagem, escola e modernidade. In: Ghialdelli Jr., Paulo. (Org.) Infância, escola e modernidade*. Editora Cortez, 1997, p. 49-59.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 08 ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Ática, 2004.

GIROUX, H A. *Os Professores como Intelectuais*. Porto Alegre: Artmed Editora, 1997.

GODOY, A.S. *Pesquisa Qualitativa*. Tipos Fundamentais. RAE Artigos. São Paulo, v. 35, n. 3, maio/junho, 1995.

GOFFMAN, E. *Frame Analysis. An Essay on the Organization of Experience*. Boston, Northeastern University Press, 1974.

GRADDOL, D. *The Future of English? The English Company (UK)*, 2000.

GRIGOLETTO, M. *Língua e identidade: representações da língua estrangeira no discurso dos futuros professores de língua inglesa*. In: CARMAGNANI, A.N.G. & GRIGOLETTO, M. (Orgs.). *Inglês como língua estrangeira: identidade, práticas e textualidade*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001.

GRIGOLETTO, M. *O discurso do livro didático de língua inglesa: representações e construção de identidades*. In: CORACINI, M. J. *Identidade e Discurso: (des) construindo subjetividades*. Campinas: ARGOS Editora Universitária, 2003.

HAESBAERT, R. *O espaço importa: dilemas da construção identitário-territorial na contemporaneidade*. In: BASTOS, L. C. e MOITA LOPES, L. P. da (orgs.). *Estudos de Identidade entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

KACHRU, B. B. *Models for Non-Native Teachers*. In: KACHRU, B. B. *The Other Tongue. English Across Cultures*. Oxford: Pergamon Press Ltd., 1983.

\_\_\_\_\_. *The Handbook of World Englishes*. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2009.

KAMHI-STEIN, L. D. *Research Perspectives on Non-native English-speaking Educators*. In: BRUTHIAUX, P. et alii (eds.). *Directions in Applied Linguistics. Essays in Honor of Robert B. Kaplan*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd., 2005.

KREIDLER, C. *The Pronunciation of English: a Course Book in Phonology*. Oxford: Blackwell, 1989.

KUMARAVADIVELU, B. *Beyond Methods. Macrostrategies for Language Teaching*. New Haven and London: Yale University Press, 2003.

KUMARAVADIVELU, B. *A Lingüística Aplicada na Era da Globalização*. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). *Por Uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

LARSEN-FREEMAN, D. *Techniques and Principles in Language Teaching*. New York: Oxford University Press, 2000.

LERAY, C. *A língua como vetor identitário: o caso particular do gaulês na Bretanha*. 2003. In: CORACINI, M. J. *Identidade e Discurso: (des) construindo subjetividades*. Campinas: ARGOS Editora Universitária, 2003.

LIBERALI, F. C. *Formação Crítica de Educadores: Questões Fundamentais*. 01. ed. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2008.

MAHER, Terezinha Machado. *Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngüe e intercultural*. In: Cavalcanti, Marilda; Bortoni-Ricardo, Stella Maris. (Org.) *Transculturalidade, linguagem e educação*. 01 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007, v.01, p. 67-94.

MARTINS, H. e FROTA, M. P. *Identidade e ceticismo*. In: BASTOS, L. C. e MOITA LOPES, L. P. da (orgs.). *Estudos de Identidade entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

MATSUDA, A. *Incorporating World Englishes in Teaching English as an International Language*. TESOL QUARTERLY, The Forum, 2003.

MEDGYES, P. *The Non-Native Teacher*. Macmillan, 1994.

MICCOLI, L. *Experiências, Crenças e Ações: Uma Relação Estreita na Sala de Aula de LE*. In: SILVA, K. A. da. *Crenças, Discursos & Linguagem*. Campinas, SP: Pontes Editores. Volume 1. 2010.

MOITA LOPES, L. P. da. *Identidades Fragmentadas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

MOITA LOPES, L. P. da. *Oficina de Lingüística Aplicada*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.

MOITA LOPES, L.P. da. *Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista*. In: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza

Lopes (orgs.). *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro, Edições IPUB, 2001.

NELSON, C. Intelligibility and Non-Native Varieties of English. In: KACHRU, B. B. *The Other Tongue. English Across Cultures*. Oxford: Pergamon Press Ltd., 1983.

NÓBREGA, A. N. A. *Narrativas e avaliação no processo de construção do conhecimento pedagógico: abordagem sociocultural e sociosemiótica*. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

NUNAN, D. *The Impact of English as a Global Language on Educational Policies and Practices in the Asia-Pacific Region*. TESOL QUARTERLY, vol. 37, n. 4, 2003.

OLIVEIRA, Renata Sobrinho Porto de. *Code-Switching: perspectivas multidisciplinares*. Dis. de Mestrado. Rio de Janeiro, RJ: PUC-Rio, 2006.

PEDERSON, M. *English as a Lingua Franca, World Englishes and Cultural Awareness in the Classroom: A North American Perspective*. In: GIMENEZ, T., CALVO, L. C. S. e KADRI, M. S. E. (Orgs.). *Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores*. Coleção NPLA, v. 14. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RAJAGOPALAN, K. *ELT classroom as an arena for identity clashes*. In: CARMAGNANI, A. N. G. & GRIGOLETTO, M. (Orgs.). *Inglês como língua estrangeira: identidade, práticas e textualidade*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001.

\_\_\_\_\_. *O “World English” – Um Fenômeno Muito Mal Compreendido*. In: GIMENEZ, T., CALVO, L. C. S. e KADRI, M. S. E. (Orgs.). *Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores*. Coleção NPLA, v. 14. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

REVUZ, C. *“A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio”*. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Linguagem e Identidade: Elementos para uma discussão no campo aplicado*. 1997.

- RICHARDS, K. *Qualitative Inquiry in Tesol*. Palgrave: Macmillan, 2003.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A. & JEFFERSON, G. *A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation*. *Language*, 50, 1974. P. 696-735.
- SANTIAGO, A. C. S. *Quem sou eu, quem somos nós?* Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009.
- SANTOS, K. C. dos. *O discurso e a construção de identidade em uma comunidade bilíngüe*. In: CARMAGNANI, A.N.G. & GRIGOLETTO, M. (Orgs.). *Inglês como língua estrangeira: identidade, práticas e textualidade*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001.
- SCHIFFRIN, D. *Intonation and transcription conventions*. In: \_\_\_\_\_ *Discourse markers*. Cambridge: CUP, 1987. P. ix-x.
- SCHÖN, D. A. *The Reflective Turn*. Teacher College Press, 1991.
- SILVEIRA, R. M. H. e SANTOS, C. A. dos. *Revistas pedagógicas e identidades de professor/a: quem é o docente de Profissão Mestre e Nova Escola*. In: BASTOS, L. C. e MOITA LOPES, L. P. da (orgs.). *Estudos de Identidade entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- TANNEN, D. *Appendix II. Transcription conventions*. In: \_\_\_\_\_ *Talking voices. Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse*. Cambridge: CUP, 1989. P. 202-3.
- \_\_\_\_\_. *You Just Don't Understand: Women and Men in Conversation*. New York: William Morrow Paperbacks, 1<sup>st</sup> edition, 2001.
- UYENO, E. Y. *Determinações identitárias do bilingüismo: a eternal promessa da língua materna*. In: CORACINI, M. J. *Identidade e Discurso: (des) construindo subjetividades*. Campinas: ARGOS Editora Universitária, 2003.
- YAZAN, B. e SELVI, B. Ç. *De-accentuation of Accent in English as a Lingua Franca*. TESOL. NNEST Newsletter, v. 12, n. 2, 2011.

## 7

## Anexos

A seguir, estão alocadas as três transcrições analisadas como dados para o desenvolvimento desta pesquisa. Estão divididas em três momentos: fase 1, fase 2 e fase 3. A primeira corresponde a conversa-entrevista realizada com as três professoras participantes juntas. A partir desta, surgiram as outras duas, sendo que eu as realizei com cada professora participante separadamente. Assim, a segunda fase analisa a conversa-entrevista que fiz com a professora colaboradora Lucy e, a terceira, com a professora colaboradora Mandy. Meu objetivo era entender suas visões com mais profundidade, assim como a minha própria.

## 7.1.

## Transcrição da entrevista-conversa da Fase 1

01	Evellyn	Não, pois é. Vamos falar normalmente. Somos professoras de inglês, né!? Como é que a gente se sente? ↑Lembra das aulas que a gente tinha do João Pedro, que falava que pronúncia é uma coisa do mito... não existe o: falante nativo:, mas isso me incomoda um pouco, apesar de eu falar que eu cheguei a essas ideias no meu discurso, na minha mente tá totalmente diferente do que acontece.
02		
03		
04		
05		
06		
07		
08	Lucy	É:, cara. Eu acho assim... acho que nossa maior preocupação sempre foi a coisa de você fazer sentido, né!? Então, assim..., se você tá falando, você tem, ah sotaque na hora que tá falando, mas, tipo assim, você, você tá tá sendo entendido? tá fazendo sentido? você não tá-a... o seu sotaque não interfere no significado, sabe? Na qualidade do que você vai falar, tudo bem.=
09		
10		
11		
12		
13		
14		
15	Mandy	=É, mas...como professor de inglês, a gente:, as pessoas esperam que a gente não tenha esse tipo de: de ↑comportamento, né!? Esse tipo de sotaque. Assim, no que a gente sempre deseja e acho até que a gente mesmo↑ cresceu achando que para ser professor de inglês a gente tinha que eliminar o máximo de sotaque que a gente ↑pudesse, né!? Da nossa, assim, de onde a gente veio, de brasileiro e tudo ↑mais, né!? Pra tentar encontrar esse padrão standardizado que: de de ↑sotaque, né!? Pra tentar copiar ao máximo o↑ nativo, ↓né?
16		
17		
18		
19		
20		
21		
22		
23		
24	Evellyn	Não! E até na faculdade! A gente era muito cruel com as pessoas.
25		
26	Mandy	É verdade.
27	Evellyn	Como se o nosso inglês fosse perfeito desse: desse nativo ↑

28		idealizado no caso que a gente tem, mas gente, a gente era
29		muito cruel mesmo de rir e debochar das pessoas, era muito
30		rid[ículo].
31	Lucy	[Eu a]cho que não só agente, mas também ↑'os professores'.
32	Mandy	É verdade.
33	Evellyn	Alguns professores eram piores que a gente.
34	Lucy	Então, eu acho assim. Essa, eu não lembro quando foi que eu
35		comecei a me preocupar com isso de falar inglês ou tentar ser
36		que nem um nativo, mas assim, eu lembro que quando entrei
37		na faculdade, não só por parte dos colegas de turma, mas
38		também por parte dos professores, essa cobrança muito grande
39		que a gente falasse mu::ito: perfeitamente, que a gente
40		eliminasse o nosso <sota:que>, entendeu!?
41	Mandy	Não...! E eu também acho que assim, uma coisa é: que tá
42		muito atrelada à outra é o fato de você, por exemplo, ↑não
43		sempre, mas, quando você tem é: fluência, você consegue
44		desenvolver esse sotaque ↑mais mais habilidoso, mais
45		próximo do que seria é: o sotaque do nativo, né? Porque o que
46		eu via na faculdade era que assim: muita gente que falava com
47		>pouca fluência< eram as pessoas que tinham os sotaques↑
48		mais brasileiros, ↑mais [enraizados]
49	Evellyn	↑[Exatamente]. Têm menos conhecimento gramatical
50	Mandy	[É:]
51	Evellyn	[De] vocabulário tam[bém].
52	Mandy	[É:]. Pois é. Era...assim...e aí, acho que era por isso que
53		ficava essa coisa também de debochar e tal, porque a gente via
54		que eles eram mais ↑fracos, de uma maneira ou de outra,
55		entendeu!? Acho que não era ↑só o sotaque, sabe? Acho que
56		era o sotaque com outras ↑coisas também.
57	Evellyn	Não, mas muitas vezes também a pessoa tinha o domínio
58		dessa parte estrutural, era super tranqüila a fluência, mas
59		quando o sotaque era ruim, a gente não perdoava também. E a
60		gente sempre se policiava tentando sempre melhorar. Eu
61		lembro que quando a gente chegou no inglês cinco, que era
62		↑fonética e fonologia, a: a áurea, ela falava pra gente. que
63		“vocês estão aprendendo essa regras, vocês não precisam
64		adotá-las no discurso de vocês do dia-a-dia, é uma: escolha
65		sua, agora, como professo:r, como <expert> na língua, vocês
66		têm que conhecer (o funcionamento)”...
67	Mandy	É:
68	Evellyn	Você tem que sa. falar,↑ Não! Vocês têm que saber quais os
69		sons seriam os, >digamos assim<, ↑corretos de acordo com
70		um certo padrão: que é:... <padronizado> hh que horrível,
71		né!? Mas aquele padrão mesmo de prestí[gio]
72	Mandy	[Que é] muito tênue, né!?
73	Evellyn	É... e assim... eu tentei ao máximo copiar aquela pronún[cia].
74	Mandy	[Pois] é, mas que coisa engraçada, né!? Porque depois que
75		assim..., quando a gente começa a aprender ↑inglês, a gente
76		<u>almeja</u> ser professor, a gente quer ter esse sotaque bem
77		similar.. ao do nativo, né!? E quando a gente começa a

78 79		estudar, a gente vê que, na verdade, a gente não devia ter necessariamente levantado essa bandeira, né!?
80	Evellyn	Pois é.
81 82 83	Mandy	De ter esse sotaque de nativo, quando na verdade é é a gente devia ter, assim, é:... ter levado as nossas <u>raízes</u> , né!? A nossa cultura junto.
84	Lucy	A nos[sa identidade].
85 86	Mandy	[A nossa identi]dade pra língua...né!? E a gente tem vergonha de de falar como um brasileiro [falaria inglês, né!?!]
87 88 89	Evellyn	[Não.., pois é] porque ↑se eu tô viajando e eu ↑tô falando inglês e falam assim: ah você é do Brasil..., ↑eu ia me sentir péssima!
90	Mandy	[É].
91	Evellyn	[E]u ia me sentir muito mal se isso acontecesse.
92	Lucy	Como se reconhecer a [identidade dali, né!?!]
93	Mandy	[Meu inglês tá um lixo], né!?
94 95 96	Evellyn	Não! Porque ↑eu (fico feliz) quando falam: “nossa, como seu inglês é bonito!” principalmente quando são os nativos, sabe!? Que falam, ↑”ai, que inglês ótimo!”
97	Lucy	É.
98	Mandy	Você nem parece estrangeira, né!?
99	Evellyn	Eu me <u>a:cho</u> , assim...↑ <u>a falante!</u> hhhhhh
100 101	Mandy	Hhh Pois é, mas será que é essa a bandeira que a gente tem que continuar levantando?
102 103 104	Evellyn	Não! Pois é, porque no meu discurso, eu sei que isso é feio, então eu não reproduzo, falo pros meus alunos o contrário..., mas eu não consigo mudar o que eu <u>penso</u> so[bre isso].
105 106 107 108 109 110 111	Mandy	[É incrí]vel como a gente fica numa numa situação, assim, totalmente, é é contraditória, né!? a gente prega uma coisa, mas é aquela coisa, faça o que eu fa..faça o que eu digo mas não faça o que eu faço, né!? ↑Eu quero ter o meu inglês lindo! Mas vocês não, vocês podem ter o inglês com com a cultura, c: com carregar a cultura do brasileiro e tudo mais, né!? ↑Eu não! Mas vocês, ok!
112 113 114 115 116 117 118 119 120	Evellyn	Mas eu não sei onde isso↑ surgiu, assim, direito! Porque quando eu era do curso de inglês, os professores só queriam que a gente tivesse uma pronúncia ok, assim. Entendível. A gente não ia fazer um ((som de ‘r’ vibrante)) ou um ((outro som de ‘r’tepe)) no lugar do ((som do ‘r’ retroflexo)). Mas assim...não tava↑ cobrando <tanto>! Eu acho que isso deve ter vindo da faculdade, mas já no início da faculdade eu fui com uma postura, assim,↑ um pouco discriminatória, sabe!? Pra olhar o inglês dos outros e comparar. [En
121	Mandy	[É:]
122 123 124 125 126	Evellyn	tão] não sei de onde partiu isso exatamente, porque no curso de inglês não tinha isso. Assim que eu acabei o curso eu já fui pra faculdade! Na faculdade, alguns professores dos primeiros semestres, eles são ↑super chatos com a pronúncia e eles ( ) e valorizam mais os alunos que tem uma ↑boa pronúncia...

127	Mandy	Pois é, o que [devia
128	Evellyn	[E tudo mais]
129	Mandy	ser o] contrário né
130	Evellyn	Aí chega pro final da faculdade e o discurso já é outro! Tão os
131		professores criticando essa↑ visão <u>limitada</u> e <u>ultrapassada</u> ,
132		<u>mitológica</u> , de quem ainda acha que a pronúncia tem que ser
133		do nativo que ↑nem existe!> nem sei quem é esse nativo<
134	Mandy	É verdade.
135	Evellyn	Então, assim...eu nem sei onde [surgiu, porque surgiu]
136	Mandy	[A própria faculdade é uma contradição], né!?
137	Evellyn	É.
138	Mandy	A própria faculdade prega duas coisas distintas, né!?
139	Evellyn	É... quando você tá quase formado é que vão mudar [tudo que
140		↑você formou!]
141	Mandy	[Tudo que você sempre a]creditou, né!? É..
142	Evellyn	Por que não ↑no início?
143	Mandy	Acho que isso tem um pouco a ver, também, cara, com,
144		assim.., com o fato de você valorizar tudo que é do outro, né!?
145		A gente valoriza <u>muito</u> a cultura americana, a gente valoriza
146		<u>muito</u> a cultura inglesa. Então, a gente acha que esses padrões
147		são melhores ( ) do que os nossos. Assim, a gente como
148		brasileiro, ah, a gente é brasileiro sabe? A gente não é nada no
149		mundo! Então, assim, é diferente de quando um estrangeiro
150		fala ↑português, que carrega o sotaque, a gente sente uma
151		maior coisa assim: “Nossa, você é estrangeiro, que legal!”
152		↑”Você fala português, num sei o que”, sabe!? A gente tem
153		essa fixação por essa assim, essa, sabe, essa coisa de de ter
154		orgulho, de ter essa é... é, não! Não é esse contato, mas é essa
155		de de valorizar, mesmo! De dar mais valor ao outro do que a
156		gente, ao que vem de fora. A [gente tem um pouco disso,
157		sabe!?!]
158	Evellyn	[(?) é uma questão histórica, cultural]
159	Mandy	Porque os indianos, por exemplo, que têm uma cultura
160		totalmente particular, que assim, eles tão, é eles são diferentes
161		do mundo inteiro, né!? Eles mantêm o sotaque deles. Eles nun
162		nun, eles querem ser reconhecidos ↑como indianos, né!? E por
163		que que a gente não é capaz de fazer isso também?
164	Lucy	Porque a gente não quer ser reconhecido como brasileiro.
165	Mandy	↑Por <u>que</u> não quer ser reconhecido como brasileiro?
166	Evellyn	Porque é uma vergonha pra gente ser reconhecido como
167		brasileiro ( ).
168	Lucy	É...
169	Mandy	Ass[im:..]
170	Lucy	[Pois é.]
171	Evellyn	Não é em relação só ao sotaque, mas acho que tem muito do
172		sotaque também.
173	Mandy	Fazer o quê? A gente aprendeu isso, né!? Acho que desde o
174		início da faculdade a gente ouve os professores falando assim:
175		“olha, não importa se vocês falam assim ou se vocês falam de

176		outro jeito, né, o que importa é aprender a língua e poder
177		transmitir a cultura de vocês e tudo mais, a identidade que
178		vocês têm pra.. no discurso de vocês.” Só que, na verdade, a
179		gente compreende o contrário e...
180	Evellyn	É, e aí é abafar nossa cultura. É melhor ninguém saber de
181		onde você é do que saber que você ser é: dum lugar específico
182		por causa da sua fala, como você a mantém... e isso era uma
183		preocupação muito grande, até na forma como se conversar na
184		língua estrangeira, você adotar uma outra postura, uma outra
185		identidade ao falar aquela língua, né!?, Lembra que a gente
186		tinha aula no inglês seis, a parte oral no inglês seis, que era
187		com o Marco, não sei se vocês tiveram... a gente tinha que
188		aprender a falar como eles.., [você tinha que prestar atenção!]
189	Mandy	[Lembro...tomar turnos], né, cara!?
190	Evellyn	É...
191	Mandy	Tomada de turno violenta, [né]!?
192	Evellyn	[É:]
193	Mandy	Tinha que aprender como era mesmo!
194	Evellyn	Aí tinha: ( ) ... sabe, você tinha toda uma forma de aprender a
195		lidar! Ma:s, assim, por que eu não posso conversar como eu
196		converso na minha língua? E se eles aprendessem português,
197		coisa que eles nunca fazem, eles não vão se adaptar à forma
198		de conversa! Eles acham que já estão fazendo muito
199		aprendendo a língua!
200	Mandy	É.
201	Lucy	A gente, não! A gente sabe que é pouco só saber a língua.
202		Saber a língua bem é pouco também, porque você tem que ser
203		igual, tem que ser <u>melhor</u> do que eles!
204	Mandy	É, pois é.
205	Evellyn	A gente não fica satisfeita enquanto a gente não..não achar
206		que tá né, sei lá, falando como eles.
207	Mandy	É, que tá perfeito o suficiente.
208	Lucy	Como se tivesse se apropriado do discurso deles.
209	Evellyn	Me incomoda muito ainda ser assim! Porque eu sei, eu
210		entendo que não existe esse falante que a gente busca parecer.
211		↑Não existe!
212	Lucy	Não existe..
213	Evellyn	Por que eu tô tão fixada nessa pessoa?
214	Lucy	Eu [acho que]
215	Mandy	[( )]
216	Lucy	Em algum momento da nossa formação, a gente comprou essa
217		cre[nça]
218	Mandy	[Comp]ramos.
219	Lucy	E agora, pra gente, tipo assim, quem vendeu, ↑vendeu muito
220		<u>bem</u> . por que pra gente...
221	Evellyn	Não, pois é eu comprei com todo o dinheiro que eu tinha,
222		[né]!?
223	Mandy	[hhh.]
224	Lucy	[hhh.]

225	Evellyn	E tô endividada até hoje!
226 227 228	Mandy	Acho que a gente ainda vai- ... sofrer muito, com muita.. com muitas coisas na nossa cabeça...a gente ainda vai ↑sofrer muito.
229 230	Evellyn	Vocês ainda ficam prestando atenção no inglês dos outros com quem vocês interagem e julgando?
231	Mandy	↑Eu presto...
232	Evellyn	Eu <u>presto</u> !
233 234 235	Mandy	Pessoas do ↑nosso lado que pronunciam os nomes e as coisas de maneiras totalmente <u>absurdas</u> ! E eu fico assim, eu ainda fico assim:.. pô, como é que essa pessoa dá aula de inglês?
236	Evellyn	Não, ↑pois é.
237 238 239	Mandy	Eu ainda penso <u>nisso</u> . Eu fico assim: nossa, eu não ia querer que meu filho tivesse aula com uma pessoa que tem um inglês desse! Ainda tá ↑muito enraizado.
240 241 242 243 244 245 246 247	Evellyn	Mas até os professores universitários que não são necessariamente professores de inglês, mas o fato de falarem aquele inglês, não que seja nem estruturalmente ou gramaticalmente errado, mas com aquela pronúncia, assim...↑ <u>ruim, fraca</u> ! Eu julgo assim, que <u>absurdo</u> ! ↑um professor de <u>pós-graduação</u> ↓que tem esse ↑inglês! Eu acho um <u>absurdo</u> ! Mas a pessoa tá falando inglês e tá comunicando! E não tá ensinando inglês <u>prá ninguém</u> !
248	Mandy	É.
249 250 251 252 253	Evellyn	E eu ainda <u>julgo</u> ! Quando eu vejo até esses programas de entrega de premiação nos Estados Unidos, que vai a Penélope Cruz e aqueles outros, assim, que quando eu vejo o inglês, falo assim.. “cara que vergonha, sabe!?! Tem milhões, por que não aprende a falar direito?” Eu acho <u>errado</u> .
254	Mandy	É muito preconceito ainda, né, cara, que a gente tem?
255	Evellyn	Pois é.
256	Mandy	A gente tem preconceito com a gente mesmo.
257 258	Evellyn	É, eu me cobro, assim, eu fico arrasada, porque eu vejo que eu não consigo dar conta de falar como eu gostaria de falar!
259 260 261	Mandy	Pois é, eu me vejo, às vezes, vivendo ↑duas vidas, assim, porque no trabalho eu sou uma pessoa e no estudo eu sou <u>outra</u> , quando se trata ↑duma pessoa estudando eu sou <u>outra</u> .
262	Lucy	Quando se trata de teoria.
263	Evellyn	A gente fala uma coisa mas na hora da prática...=
264	Mandy	=A gente não consegue!
265	Lucy	( )
266 267	Evellyn	Eu acho que acredito, mas se na hora eu não consigo colocar em prática, eu acho que é porque eu <u>não</u> acredito!
268	Mandy	Na prática a gente não consegue colocar a teoria em prática!
269	Lucy	Não consegue!
270 271 272	Mandy	Eu acredito, mas eu também imagino o que os outros também pensam de mim! Se eu me mostrar com o inglês ruim, um inglês <u>abrasileirado</u> .
273	Lucy	É.

274	Mandy	Vou ser julgada pelos outros.
275	Lucy	É. ( )
276	Evellyn	Ninguém vai querer te dar um emprego assim!
277	Mandy	Ninguém vai querer me dar um emprego!
278	Evellyn	Vão falar: “esse seu inglês brasileiro, eu não quero, obrigada!”
279	Lucy	É...
280	Mandy	Se eu tivesse um inglês abrasileirado, eu não teria ↑passado na prova do <u>município</u> .
281		
282	Evellyn	Pois é, cara, o próprio <u>município</u> não ia aceitar!
283	Mandy	Não ia ↑me aceitar! Até porque os professores que avaliaram a gente eram ↑os professores de <u>cultura inglesa</u> ! Então, se os professores que praticam uma cultura vinda do exterior, né!? Não têm formação suficiente!
284		
285		
286		
287	Evellyn	Nem formação nem <u>informação</u> suficiente!
288	Mandy	Não fizeram le:tras, não fizeram pós-graduação:..
289	Evellyn	E a pronúncia era uma das questões de avaliação ↑para nota!
290	Mandy	Justamente! Então eu tenho certeza↑ absoluta que se a gente não tivesse um inglês ↑próximo ao dos nativos, a gente não teria passado na prova! En[tão]
291		
292		
293	Evellyn	[Eu] não teria ido bem na entrevista do Pedro Segundo...
294	Mandy	Justa[mente]
295	Evellyn	[Por] que foi em inglês e a menina coordenadora ainda comentou depois com meu primo que eu tinha o inglês perfeito.> Eu fiquei toda feliz, porque ela achou que eu ↑tinha o inglês <u>perfeito</u> !<
296		
297		
298		
299	Mandy	Justa[mente]
300	Evellyn	[Que] significava não estar nos padrões de quem fala↑ português.
301		
302	Mandy	Justamente=
303	Evellyn	=Eu além de ficar feliz, ou seja, olha o que↑ focaram!
304	Mandy	Então, bem ou mal, como é que a gente vai virar para um aluno nosso e dizer assim: “Olha, você pode falar inglês com sotaque, à vontade! Que se você falar com seu sotaque à vontade, você vai ser bem visto em todos os concursos que você fizer. Todas as entrevistas de emprego que você fizer.”
305		
306		
307		
308		
309	Evellyn	Vão perceber que você adora sua cultura.
310	Lucy	É.
311	Mandy	↑E daí? Vão falar para ele.
312	Lucy	É.
313	Evellyn	Vocês ainda cobram muito dos alunos de vocês, ainda têm preconceito com aqueles alunos que falam mais ou menos?
314		
315	Mandy	Eu cobro, cara. Porque eu acho assim, também, quando você se dispõe a trabalhar num lugar que preza pelo sotaque do nativo ...
316		
317		
318	Lucy	Ou você veste [a camisa ou cai fora].
319	Mandy	[Você veste a camisa ou] cai fora. Eu hoje vivo um um um momento assim, que é divisor de águas na minha carreira, porque é um momento que eu vejo assim que eu num tô mais conseguindo comprar essa esse discurso. Eu num tô
320		
321		
322		

323		conseguindo mais vestir a camisa desse jeito, né!? Então... é
324		muito contraditório, é muito <difícil> lidar com isso.
325	Lucy	É...
326	Mandy	Agora eu tenho que parar com de trabalhar ou de estudar,
327		sabe!?
328	Evellyn	Não:, pois é, a situação tá difícil, tá ficando <u>muito</u> difícil!
329	Mandy	Parece que na teoria é tudo <u>lindo</u> , né!? Mas na prática...
330	Evellyn	hh Com tanta profissão por aí...por que eu escolhi ser
331		professora de inglês?
332	Mandy	h ai, ai...
333	Evellyn	Porque na hora pareceu ser a melhor ideia..
334	Mandy	É.
335	Evellyn	Porque na hora eu não sabia de todos esses problemas, eu
336		achava que tava tudo bem...
337	Mandy	Na hora eu só achei que ia falar inglês direitinho, que ia
338		viajar...
339	Evellyn	Não...nem pensei na viagem...
340	Mandy	Brincadeira!
341	Mandy	Pensei nisso também não! Pensei que ↑ia dar aula!
342	Evellyn	Ia ser até um fator a mais, mas nem foi isso que eu pensei!
343	Mandy	Pensei em ↑dar aula mesmo...

## 7.2.

### Transcrição da entrevista-conversa da Fase 2 com Mandy

01	Evellyn	Então, essa primeira parte □ que vai da linha treze a linha
02		vinte□ você fala de um sotaque padronizado que é o que a
03		gente costuma buscar. Que padrão seria esse?
04	Mandy	Ah... o padrão que eu acho que a gente tenta buscar é o padrão
05		do nativo, né?: Dos países de primeiro mundo. Eu, pelo
06		menos, tenho pra mim que ↑pra falar bem inglês, que pra ser
07		aceita como professora, eu tinha que falar □um inglês
08		<u>padronizado</u> □, um inglês que é falado pela maioria dos
09		nativos, pelos falantes nativos de inglês.
10	Evellyn	Mas então você acha que a maioria dos falantes nativos de
11		inglês tem uma padronização? Eles tem um padrão a ser
12		<u>copiado</u> , eles tem uma <u>referencia</u> a ser <u>copiada</u> por nós
13		professores?
14	Mandy	Então.. eu acho que você tá querendo dizer é:: uma coisa
15		↑mais formal. Eu acho que o que eu quero dizer com padrão é:
16		por exemplo, é o falante nativo. □E isso eu acho que todos,
17		senão quase todos tem□, por exemplo. Aprendem a ouvir que
18		tal som é pronunciado de certa maneira. Então, ele pode não
19		ter uma:: uma fala <u>formalizada</u> , uma fala <u>correta</u>
20		gramaticalmente. Mas essa pronúncia, essa coisa do: de cada
21		som que ele aprendeu quando ele era criança, isso sou eu que
22		tenho que aprender. Eu como uma↑ falante não nativa de

23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33		inglês tenho que aprender a falar isso e pelo menos o que eu achava, né?: É: que eu deveria aprender já que eu não sou uma falante nativa, né?: E que aprendi já numa idade ↑mais avançada, esse padrão de sons, esse padrão de fluência que eu tento, que eu sempre tentei buscar. Fluência com sotaque parecido ou até igual ao que esse nativo fala independentemente se eu falo gramaticalmente correto ou não.. e claro que, pra mim, É importante falar gramaticalmente correto, mas que talvez pra esse falante nativo não seja a forma mais comum, né?: Então... eu acho que é isso que eu quero dizer com esse inglês padronizado=
34 35 36 37	Evellyn	=E esse sotaque que você diz querer buscar parecido com o do nativo? É::: você acha que ele faz somente uma diferença por você ser professora de inglês OU você acha que se fosse ↑qualquer pessoa aprendendo inglês como língua estrangeira?
38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66	Mandy	↑Olha, eu acho assim.. que <u>profissionalmente</u> , isso diz muito. Eu acho que por eu ser professora de inglês é fato que ter essa fluência parecida com a do nativo me abriu muitas portas e, <u>infelizmente</u> , por conta de tudo que a gente pensou, né?: Então eu acho que já é uma coisa assim... eu acho que falar me abriu muitas portas, ↑eu consegui empregos por conta disso e tudo mais, mas também acho que se eu ↑não trabalhasse como professora de inglês e fosse trabalhar em uma multinacional, eu acho que essa multinacional também vai desejar que eu tenha um inglês um pouco mais: mais parecido com o do falante nativo. ↑Por que? Porque eu acho que em uma multinacional você vai ter contato com pessoas de outras nacionalidades. Até mesmo teria contato com falantes nativos e é fato que a comunicação é:: seguindo um padrão, ela é mais exigente, ela é: ela tem mais sucesso, porque eu acho que o falante nativo também tem que estar muito mais disposto a entender a pessoa não nativa falando um inglês que não é padronizado, que não é o que ele está acostumado. Então eu acho que precisa de <u>muito</u> mais aceitação de um falante nativo para compreender e ↑paciência mesmo para tentar entender um sotaque diferente, que ele não está acostumado, carregado de outras culturas mesmo. Então eu acho que é fundamental no mundo que a gente vive hoje para quem quer ser bem sucedido na sua ↑profissão, né? Como professor de inglês ou como funcionário de empresas que tem que lidar com estrangeiros é: que a comunicação em inglês é importante. Eu acho que é fundamental ter o inglês parecido com o do falante nativo por isso que a gente busca tanto isso assim...
67 68 69 70 71 72	Evellyn	Você também acredita assim.. que as outras pessoas e ↑eu entendi isso da nossa outra conversa que as pessoas que eram consideradas mais fracas, os alunos para serem professores de inglês que eram mais fracos eram aqueles que tinham menos fluência... menos, conhecimento de vocabulário gramatical também, e que eles tinham, por causa disso tudo, o inglês

73		mais enraizado, mais parecido com o sotaque da nossa língua
74		nativa que é o português brasileiro. Você concorda mesmo
75		com isso ou eu interpretei:?
76	Mandy	<u>Não</u> . Eu acho que ↑foi um pouco isso que eu quis dizer <u>sim</u> .
77		Acho que o fato de ele não assim.. □dominar a língua□ que
78		ele quer aprender, que é o inglês, no caso, o fato de ele não ter
79		domínio nessa língua faz com que ele mostre mais traços do
80		português. Que é a língua nativa dele. Então isso vai se
81		equilibrando a ponto que, assim, com o passar do tempo:
82		quando você vai aprendendo inglês, você busca a
83		padronização. Então você continua buscando. Acho que a
84		gente consegue tirar cada vez mais essa língua, essa língua
85		nativa enraizada, acho que cada vez mais se estuda quanto
86		mais se tem envolvimento com a língua, mais anos de
87		experiência na língua, que se quer aprender, acho que menos
88		do português a gente enxerga e aí eu acho que é por isso que
89		<u>eu</u> como aluna, né: enxergava que os alunos que tinham o
90		português mais enraizado ao falar inglês tinham menos
91		domínio da língua, porque eu acho que quanto mais domínio
92		você tem, menos você mostra o português. Então eu acho que
93		era essa a relação que eu fazia.
94	Evellyn	Então você acha que anda mais ou menos em conformidade
95		ter uma boa pronúncia com ter fluência e conhecimento da
96		língua?
97	Mandy	Eu acho que sim. Eu acho que sim salvo algumas exceções.
98		Eu acho até que tem algumas pessoas que tem esse
99		conhecimento de que, por exemplo, algumas pessoas que
100		queiram, que façam a escolha de carregar o seu, a sua
101		identidade brasileira, sua identidade de falante nativo de
102		português, eu acho que essas pessoas tem capacidade <u>também</u>
103		de mostrar o português, mas aí eu acho que a gente percebe
104		que mesmo ela carregando esse português de nativo, de
105		falante nativo, a gente percebe a qualidade do inglês dessa
106		peessoa, a gente percebe como a pessoa ↑estudou inglês. Que a
107		peessoa, eu acho, que tem que ser, tem que ser mais, tem que
108		conhecer mais ainda inglês para conseguir fazer isso do que o
109		contrário, entendeu? Então eu acho que algumas pessoas
110		fazem isso por escolha, mas a gente percebe também.
111	Evellyn	Você ainda busca o falar parecido com o de um nativo do
112		inglês?
113	Mandy	<u>Infelizmente, sim</u> .
114	Evellyn	Apesar de já ter estudado que é um mito?
115	Mandy	↑Porque eu só vou conseguir encontrar emprego hoje se eu
116		tiver um inglês assim... é:: semana passada eu fiz uma
117		entrevista de emprego para um colégio grande, né? Aqui na
118		cidade, e o que eu ouvi foi que, assim, eles gostaram de mim
119		↑não só pela minha experiência profissional e tudo mais, mas
120		a coordenadora virou e disse assim “a: gostei muito do seu
121		inglês, você tem o inglês <u>limpinho</u> ”. Eu não sei exatamente ↑o
122		que ela quis dizer com o <u>inglês limpinho</u> , mas eu acho que ela

123		quis dizer que era um inglês que deixa o português ↑de [fora
124	Evellyn	Sem] traço, né?
125	Mandy	Mostrar que não carrega os traços, justamente os traços do
126		português. Que é isso que ela está buscando, uma pessoa que
127		tenha o inglês <u>limpinho</u> , que ↑não carregue nada do sotaque.
128		Então, assim, eu acho que se eu não tivesse, se eu tivesse os
129		traços do português carregados, eu acho que que ela não teria
130		gostado tanto de mim.
131	Evellyn	Engraçado esse adjetivo, né, do limpinho!? Esquisito.
132	Mandy	É intrigante, né?
133	Evellyn	Eu prefiro nem refletir muito sobre o que isso quer dizer.
134	Mandy	Que limpi[nho
135	Evellyn	Com]o professora eu sou pobre, mas a gente é limpinha.
136	Mandy	É hhhhhhh[hhhh
137	Evellyn	Hhhhh] pois é: [né?
138	Mandy	Hh]hhhhh[hh
139	Evellyn	Em]fim...
140	Mandy	hhhhh que horror.
141	Evellyn	hhh e como professora, você também quer que seus alunos
142		tenham o inglês limpinho? [hhh
143	Mandy	Hhh] eu acho que é um ciclo. Eu acho que ↑eu desejo que eles
144		tenham o inglês limpinho porque eu quero poder daqui a
145		alguns anos encontrar meus alunos eventualmente em algum
146		lugar na rua e saber que eles tem bons empregos e que o
147		↑inglês limpinho deles ajudou: os ajudou a:: a conseguir esses
148		empregos. Então, assim, eu quero poder ser responsável e
149		↓para isso, infelizmente eles tem que ter um inglês parecido
150		com aquele dos nativos.
151	Evellyn	Mas você acha, eu... você vive uma tensão em relação ao: a
152		busca desse inglês considerado perfeito? E, ao mesmo tempo,
153		levar contigo esses traços, essas características da sua própria
154		cultura sua língua?
155	Mandy	Vivo sim.
156	Evellyn	Ah...
157	Mandy	↑Com certeza, vivo uma <u>tensão</u> . Acho que em alguns
158		momentos eu não acho que ela seja tão intensa. Mas é: alguma
159		coisa, é um assunto que eu estou sempre buscando refletir e:
160		assim... hoje eu não sei o que eu poderia fazer para: para
161		acomodar a minha vida como que eu poderia modificar o meu
162		entendimento sobre isso e como que eu poderia é: modificar
163		para fazer alguma diferença <u>mesmo</u> , para mudar não só a
164		mim, mas ↑mudar as pessoas ao: ao meu redor e como que eu
165		poderia influenciar outros alunos, e acho que já está sendo
166		para a gente conseguir, para a gente conseguir mudar a cabeça
167		de todo mundo, porque, assim:. mas eu acho que tinha que
168		começar na faculdade. Então. ↓Assim, são as pessoas que
169		deviam ter mais esclarecimento, mais instruídas, mais
170		estudadas, mais entendidas disso e a gente sabe que não é que:
171		não é o que acontece: não é bem o que acontece na faculdade
172		atualmente. Então eu acho que precisa mudar porque caras

173 174 175 176 177 178 179 180		que se formam na faculdade não tem necessariamente o mesmo entendimento que a gente, que continua estudando. Então, assim de repente, a faculdade <u>não é</u> o suficiente, né? Enquanto, ↑na verdade, eu acho que a faculdade devia ser. O cara já devia estar na faculdade e entender isso, que aí seriam muitas pessoas disseminando essa ideia quando, na verdade, são poucas pessoas disseminando por aí. Só quem vai a um: a um patamar de estudos muito mais eleva[dos]
181 182 183 184 185 186	Evellyn	Em] outro momento, na conversa que nós já tivemos passada, você disse da vergonha de falar inglês como um brasileiro. De, assim, ser reconhecida ao falar inglês como brasileira, que isso reflete, né, que você, carregaria os traços do português na sua fala estrangeira. Você ↑concorda ainda com: com essa posição? ↑Essa é sua realidade ainda?
187 188 189 190 191	Mandy	<u>Não é</u> : eu acho que tem algum: eu: eu acho que é uma questão de me posicionar assim ↑de identidade. É identitária <u>mesmo</u> , por exemplo, eu estou na:: na: no meu momento professora de inglês, eu quero que meus traços brasileiros se apaguem.
192	Evellyn	Uhum.
193 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204 205	Mandy	Mas se eu faço uma viagem e: e eu conversar com pessoas eu sou compreendida, as pessoas conseguem me entender de maneira <u>clara</u> , eu sei que eu consigo conversar, assim, de maneira, eu consigo ↑me expressar corretamente, me faço entender, eu não me incomodo de ser reconhecida como brasileira, até porque eu acho que é é muito difícil <u>mesmo</u> chegar ao padrão. Então, assim, se um estrangeiro americano, né? Vira e diz assim "ah você tem o inglês bom, mas eu ainda enxergo alguns traços brasileiros", assim, isso não me incomoda como como ↑turista não me incomoda. Então, assim, eu acho que é:: é:: é: um ↑conflito de identidades, entendeu? Então, em alguns momentos eu me incomodaria e, em outros, não.
206 207	Evellyn	Então sua identidade de professora de inglês atuando como professora?
208 209 210 211 212	Mandy	É, então, porque aí eu acho que eu estou sendo julgada por brasileiros também. Se eu estou sendo julgada por um brasileiro e esse brasileiro acha que o meu inglês não é americanizado o suficiente, é porque então eu possa ter algum problema.
213	Evellyn	↑Por que é brasileiro?
214 215 216 217 218	Mandy	É. Brasileiro que eu acho que, por estar me entrevistando, por estar me testando, está em uma: um nível de assim.. em algum momento superior. Seja uma entrevista de emprego ou seja em uma escola, seja um diretor falando comigo ou alguém que eu acho que por hierarquia está superior a mim.
219	Evellyn	↑Não um aluno?
220 221 222	Mandy	NÃO. Eu acho que o aluno.. bom... eu acho que, assim, eu busco ser uma profissional competente □sou assim o mais competente dentro de sala□ eu acho que o aluno é, como que

223 224 225 226 227 228 229 230 231		eu posso dizer:: eu não sei:: eu acho que se um aluno vira para mim e diz assim “seu inglês não é bonito o suficiente, não é bom o suficiente”, acho que talvez eu pare para pensar □um pouco□, assim... Quem é esse aluno? Quem é, entendeu? Por que ele está dizendo isso e tudo mais? Mas eu acho que, em geral, os alunos não:: não são as pessoas que vão reconhecer com facilidade quem tem o inglês mais: com mais traços ou com menos traços. Acho que eles não tem tanta facilidade de reconhecer.
232 233 234 235 236	Evellyn	Em outro momento também na conversa passada, você fala da ↑valorização da cultura estrangeira, né? De que tudo o que vem da cultura <u>americana</u> ou da cultura <u>britânica</u> a gente acaba considerando sendo muito superior e sendo um padrão a buscarmos. Assim, ↑você ainda concorda com isso?
237	Mandy	↑Em termos de cultura?
238 239 240	Evellyn	Eu acho que é a cultura não só de exigência do dia a dia, mas que carrega no dia a dia da nossa língua.
241 242 243 244 245	Mandy	Então, assim, eu acho que quis fazer uma comparação entre países falantes nativos de inglês. O que eu percebo <u>no meu país</u> , aqui no <u>Brasil</u> , se eu recebo um americano e se eu recebo um sul africano, eu tenho certeza absoluta que eles, essas pessoas, vão ser tratadas de maneiras diferentes.
246	Evellyn	Uhum.
247 248 249 250 251 252 253 254 255 256 257 258	Mandy	Uma pessoa da África do Sul ↑não é tão valorizada quanto a que vem dos Estados Unidos ou um dos países da Europa, falantes nativos de inglês. Então, eu acho que isso, para mim, <u>é claro</u> . Então, as identidades que eles que: que os é:: nativos de primeiro mundo trazem, a gente tenta copiar mais. Mas eu acho que isso é um pouco natural, assim, porque eles são mais desenvolvidos economicamente. Eles tem um padrão de vida mais elevado, então eu acho que a gente acaba tendendo a almejar ↑o que é o <u>melhor</u> , não ao que está igual a gente ou o que é inferior. A gente quer igual ao que está, ao que é melhor, sabe? Então, eu acho até que isso é uma coisa razoável de se pensar, não tão ruim.
259 260 261 262	Evellyn	Entendi. Você acredita que o falar bem o inglês, como foi caracterizado, ↑o inglês limpinho, abre portas para oportunidades de emprego para melhorias na qualidade de vida?
263 264 265 266 267 268 269 270 271 272	Mandy	Abre porque a gente, como professor de inglês, a gente está sempre sendo testado. Às vezes, o nosso falar conta até mais do que, às vezes, a gente é mais testado até oralmente do que na parte escrita. Eu acho, então, assim, ah de que adianta esse cara saber escrever muito, ele faz redações maravilhosas, tem textos maravilhosos, mas na hora de abrir a boca, ele não consegue se expressar?↓ Então eu acho assim, que o falar bem já é... ele prova duas coisas. Eu acho na mentalidade das pessoas prova que ele fala bem, então, se ele fala bem, ele escreve bem. Então, eu acho que, nesse sentido, o falar bem é

273 274 275 276 277 278		mais importante do que o escrever bem. Então, abre muitas portas. Então, é o mesmo eu ter duas pessoas que escrevem da mesma maneira, mas uma é mais fluente do que a outra. A que é mais fluente, ↑com certeza vai conseguir a vaga. Então, eu acho assim, que a gente vai continuar sendo constantemente testado oralmente.
279	Evellyn	Isso fez ↑diferença para você?
280 281 282 283 284	Mandy	↑Fez <u>toda</u> diferença, inclusive nessa entrevista que ficou claro, né:? Já que eu nem fui testada de maneira escrita. Ninguém pediu para eu fazer alguma prova, ninguém me pediu para escrever uma redação. Só me pediram para conversar em inglês.
285 286 287 288 289 290 291 292 293	Evellyn	Outro momento, também na conversa passada, você disse que julgava as pessoas, que também são professoras de inglês e apresentam uma pronúncia ruim, que você considera absurda e que você fala: “você pensa como é que essa pessoa dá aula de inglês? Que você não ia querer que seu filho tivesse aula com aquela pessoa que tem uma pronúncia tão pobre”, palavras que você mesmo usou. Você ainda é assim mesmo? Pensa dessa forma? Ao pensar isso, você tenta ser completamente oposta aquilo como professora também?
294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309	Mandy	Eu não sei. Eu acho que tem gente que ainda pensa que o professor é o modelo. Não infelizmente. Mas, assim, por ser um modelo, a gente projeta nele uma, um exemplo a seguir. Então, assim... se o meu professor, mas aí vem aquela questão é:: eu acho que existe uma diferença entre capacidade e escolha. Se um cara escolheu pegar os traços de português, eu vou respeitar ele mais ainda do que se ele falasse uma pronúncia de inglês nativo. Mas o cara que você sente que ele tentou, que ele tenta se esforçar o tempo todo a falar inglês nativo, e ele não consegue, aí esse cara eu acho um, eu acho um pouco eu: eu: eu encaro isso como uma incapacidade, como uma assim: um problema. Porque se ele está ali para eu segui-lo como modelo, então ele não está sendo o melhor modelo para eu seguir, entendeu? Justamente porque ele não é uma pessoa que eu julgo ser totalmente capaz para estar alcançar esse <i>status</i> .
310	Evellyn	( )
311 312 313 314 315 316 317 318	Mandy	Então, eu acho que a gente, sabe? Eu acho que a gente percebe algumas pessoas, a gente olha e a gente ↑ouve, né? A gente sente ao ouvir o falar da pessoa, que ela escolheu porque ela tem uma gramática perfeita, ela tem total domínio da língua e ela tem todo conhecimento de vocabulário, conhecimento cultural e tudo mais, e ela escolhe, de repente, carregar seus traços. Então, eu acho que eu acho que isso é uma coisa que a gente percebe.
319 320 321 322	Evellyn	Entendi. Novamente, falando dessa tensão que é vivenciada, você está falando, você falou que se vê levando duas vidas, um momento no trabalho você é uma pessoa e quando você estuda, você é outra em relação mesmo a essas crenças de

323		pronúncia. ↑Você ainda vivencia isso?
324	Mandy	Eu vivencio, ↑mas só que agora eu tento encarar isso como
325		uma, não como um uma briga, né:? entre duas: duas
326		↑Mandies, duas coisas assim: Eu tento encarar como um: um:
327		um segundo quesito na segunda questão, como uma reflexão,
328		um momento para se refletir e e para tirar aquela coisa
329		limitada da minha cabeça, aquele pensamento limitado que só
330		essa forma de inglês nativo perfeito é a que importa. Então, é
331		abrir a minha cabeça para entender que outras pessoas, assim
332		como eu estudei, outras pessoas podem ter estudado e podem
333		ter feito escolhas. Então, assim é: perguntar de que maneira eu
334		posso ter coragem de tomar essa escolha e ↑segundo, se eu
335		quero <u>de fato</u> tomar essa escolha, porque eu posso escolher.
336		Eu acho que o refletir é importante, saber que existem duas
337		vertentes para que eu possa escolher, para que eu possa
338		decidir o que que eu quero, se eu quero continuar seguindo o
339		que vem sendo pregado há muito tempo, que é essa a::
340		padronização do inglês nativo ou se eu quero tentar mudar e
341		eu acho de verdade que eu devo carregar, assim, meus traços.
342		Eu não preciso estar com esse padrão e carregar as minhas
343		coisas, assim, e poder passar isso para os meus alunos. Então,
344		eu acho que é uma questão de escolha e refletir sobre isso e
345		pensar o que que eu quero ser daqui para a frente, entendeu? E
346		tentar dizer para os meus alunos que eles também podem ter
347		essa escolha, que eles também podem escolher. Então eu acho
348		que o importante disso tudo é a reflexão.
349	Evellyn	E lembrar rapidamente que, da outra vez, nós falamos sobre o
350		município, de passar no emprego público para o município
351		você acha que faz diferença ter um bom nível de inglês? Você
352		↑acha que quem não conseguiu ter um bom nível de inglês
353		não ia ter a oportunidade de entrar?
354	Mandy	Olha... oportunidade de entrar, eu ↑até acho que no início foi
355		decisivo. As pessoas que entraram primeiro, é... tinham, sem
356		dúvida, o inglês falado oral superior, assim, superior no
357		sentido de ser mais parecido com o de um falante nativo, né?
358		E que as pessoas que ficaram mais para trás, é... acho eu que
359		não tinham o inglês tão parecido com o do nativo, mas eu
360		também acho que isso não é uma regra. Algumas pessoas eu
361		conheço passaram nos últimos lugares e trabalham em lugares
362		excelentes é::: em cursos de inglês de nível top e ficaram para
363		o final por uma ironia do destino, por uma alguma coisa que
364		aconteceu e ficaram para o final, mas isso não quer dizer
365		necessariamente isso, mas eu acho que nosso inglês foi é...
366		testado muito mais na hora de entrar, né:? Foi muito mais na
367		hora de entrar do que estar trabalhando. Então, assim, para
368		trabalhar, eu não preciso de metade do que eu mostrei na
369		entrevista para passar no concurso. Então, assim, hoje eu sinto
370		que é quase como, assim, uma <u>mentirinha</u> que se vive. Porque
371		se exige tanto na entrevista e aí, na verdade, você vai ver no
372		dia a dia aquela exigência, sabe, desaparece, porque não é o

373		que a gente □ não é o que a gente vive□.
374	Evellyn	Não é. Então só para tentar entender o que você falou, você julga dependendo do julgamento também, né, em relação à pronúncia.
375		
376		
377	Mandy	Ao igual a mim, ao falante nativo de português.
378	Evellyn	Aham:
379	Mandy	Mas o superior, o hierarquicamente superior a mim.
380	Evellyn	Não os nativos.
381	Mandy	Não os nativos.
382	Evellyn	Você falou também da falta de formação por parte de muitos dos professores não necessariamente de não terem formação universitária, mas de terem somente a formação universitária como não sendo suficiente de acordo com o que acontece, como que é pregado nas faculdades, nos cursos da graduação.
383		
384		
385		
386		
387	Mandy	É para se ter uma reflexão mais aprofundada sobre ter, manter ou não aspectos da fala do português, aspectos da língua portuguesa.
388		
389		
390	Evellyn	Precisa também a pessoa que tem uma boa pronúncia geralmente é aquela que também tem um bom conhecimento de outros, outras formas, outras partes da língua. Então é uma pessoa mais inteligente, talvez mais capacitada no geral?
391		
392		
393		
394	Mandy	Mais capacitada. Eu não sei se mais inteligente, porque ela pode ter tido mais oportunidade de aprender, mas é: é sem dúvida uma pessoa que teve, que tem o aprendizado mais avançado da língua.
395		
396		
397		
398	Evellyn	Você acha também que o inglês abre portas, é um <u>possibilitador</u> de mobilidade social e, portanto, profissional? E por isso você se cobra para ter um bom inglês e também cobra de seu aluno?
399		
400		
401		
402	Mandy	Cobro.
403	Evellyn	Inclusive a questão da <u>pronúncia</u> ?
404	Mandy	Isso, cobro, porque eu quero que eu sei o mundo que a gente vive e eu quero que ele possa ter boas oportunidades de emprego.
405		
406		
407	Evellyn	Se você fosse falar do quesito língua, ↑o que seria mais importante? ↑O que seria?
408		
409	Mandy	Em termos de quatro habilidades?
410	Evellyn	Em termos de ↑conhecimento da língua.
411	Mandy	Conhecimento da língua? Eu acho que fluência, mas muito mais do que... fluência↑, falar. Muitas pessoas falam inglês, né? Eu acho que a gente precisa e eu almejo, acho que as pessoas querem sempre almejar o melhor e acho que se elas querem cargos importantes, é: cargos de confiança em empresas, elas tem que ter fluência e formalidade. Então, para ter formalidade, elas precisam dominar aspectos gramaticais da língua. Então, para ser respeitado, para serem aceitos, eu acho que as pessoas precisam combinar esses dois aspectos, gramática e fluência, ↓não só fluência.
412		
413		
414		
415		
416		
417		
418		
419		
420		
421	Evellyn	Então a pronúncia ↑ <u>não</u> é o principal.

422	Mandy	Eu acho que não. Eu acho que ter fluência é mais importante
423		do que ter a pronúncia perfeita.
424	Evellyn	Ok.

### 7.3.

#### Transcrição da entrevista-conversa da Fase 2 com Lucy

01	Evellyn	Então... desenvolvendo esta conversa com base na <u>passada</u>
02		que já tivemos é:: um detalhe que me chamou a atenção não é
03		um detalhe um fato que me chamou a atenção foi que você
04		considerava <u>importante</u> buscar um pronúncia é::: e um padrão
05		de pronúncia considerado <u>ideal</u> muitas vezes pelo falante
06		nativo: que ↑nós percebemos também como um ser
07		mitológico, e eu gostaria de saber se hoje, que já tem um
08		tempo considerável depois da primeira conversa se: você
09		mantém esse posicionamento:? Se você ainda se preocupa e
10		ainda ↑ <u>busca</u> esse modelo ideal padrão?
11	Lucy	uhum... olha só... SIM E NÃO. ↑por que sim? e ↑por que
12		não...? começando com por que NÃO. <u>Eu</u> acho ↑ <u>assim</u> , <u>depois</u>
13		de <u>toda</u> minha formação de <u>tudo</u> que eu vi e <u>tudo</u> que eu
14		aprendi mas ↑principalmente depois da minha experiência
15		como professora é:: eu acho que eu tento não passar para os
16		meus alunos essa cultura né:: digamos assim:. que nós temos
17		de buscar a pronúncia perfeita. Eu acho que eu tento deixar
18		bem claro para eles que a pronúncia é importante no que diz
19		respeito a::: é::: enfim. a você se comunicar é::: com sucesso.
20		>se eu estou falando ou se a minha pronúncia não me permite
21		passar a mensagem né que eu quero passar isso é complicado,
22		entendeu? Quando a pronúncia influencia no entendimento da
23		minha mensagem< isso é complicado mas se não influencia,
24		ok. É isso que eu tento passar para eles. Claro, eu acho que a
25		gente sempre tem que apresentar para eles “ <u>olha</u> essa é a
26		pronúncia é sei lá do falante nativo... digamos assim ou ↑essa
27		é uma pronúncia mais bem aceita ou essa é uma pronúncia sei
28		lá é menos há como é que se diz tipo assim [hã:
29	Evellyn	Ideal]
30	Lucy	↑ <u>Isso</u> , [menos ideal ou menos
31	Evellyn	Mais carregada no sotaque:]
32	Lucy	Isso”
33	Evellyn	Do português
34	Lucy	É. Aí, o aluno::: o: que o aluno seja capaz de escolher como e
35		quando ele quer falar. Então, eu acho que não tem que ter essa
36		coisa de que você tem que ter uma ↑pronúncia <u>perfeita</u> e blá
37		blá blá... não construir essa ideia e vender essa ideia para eles.
38		<u>Agora</u> , EU ,↑enquanto professora, enquanto profissional, acho
39		que continuo buscando isso SEMPRE... eu acho que não por

40		uma questão: hã: de que eu acredite nisso, mas por uma
41		questão de que eu sei que na nossa área as pessoas que vão
42		nos contratar, que vão nos avaliar..., assim, nos empregos que
43		eu: nos empregos que eu quero ter..., hã: até o resto da minha
44		vida, eu sei. Essas pessoas vão estar ↑também olhando para
45		isso. Não que elas ↑necessariamente estarão preocupadas <u>só</u>
46		com isso, mas que elas ↑vão olhar para isso também e que a
47		minha pronúncia:: hã::: o meu sotaque que vai influenciar
48		positivamente ou negativamente na. na. na busca do emprego,
49		na conquista do emprego. Então, eu acho que isso é uma
50		preocupação que eu nunca deixo, sei lá, nunca deixo morrer.
51		Estou sempre com isso para mim, para os meus alunos. Eu
52		quero construir uma coisa diferente.
53	Evellyn	Você acha então que você vive uma <u>tensão</u> ?
54	Lucy	<u>Acredito=</u>
55	Evellyn	=Porque isso é parecido com o que eu sinto e eu percebo hoje
56		em dia essa tensão entre esses dois pólos dentro de mim. Um
57		decorrente de toda a experiência de formação e também
58		profissional que eu tive e outro também de uma experiência
59		de formação. Só que mais... como eu vou dizer? Mais <u>elevada</u> ,
60		em um nível mais alto advindo do mestrado ou do finalzinho
61		da minha graduação. Você também sente isso então:?
62	Lucy	SINTO. Sinto essa tensão sim, total.
63	Evellyn	E o fato de muitos profissionais da área que estejam
64		hierarquicamente em um nível mais elevado do que os
65		professores, como os diretores, coordenadores ou aqueles
66		profissionais que fazem os treinamentos. Aqueles que vão
67		avaliar nossa:: hã::: nossa contratação ou não no emprego.
68		Você acha que eles têm uma visão então, que busca um
69		profissional que tenha uma fala que remete àquela do falante
70		nativo ideal? Por quê?
71	Lucy	Provavelmente porque <u>assim como a gente</u> , eles também
72		foram, eles também tiveram essa ideia né? Esse:: esse tipo de
73		comportamento embutido neles. Eles também aprenderam
74		isso. Acho que isso era o ideal e aí hoje é o que eles valorizam
75		e eu acho que é por isso que agora a gente como profissional
76		não deve vender essa ideia para os nosso alunos, ou, pelo
77		menos, não vender da forma que a ideia foi ↑vendida para a
78		gente na época da graduação ou na época do cursinho de
79		inglês.
80	Evellyn	Mas você acha que existe um <u>limite</u> do que a pessoa pode não
81		soar como nativo ou um <u>limite</u> do que ela pode carregar
82		consigo em relação aos traços?
83	Lucy	Eu acho que o limite:
84	Evellyn	<input type="checkbox"/> do português <input type="checkbox"/>
85	Lucy	Eu acho que o limite é o entendimento...
86	Evellyn	O entendimento.
87	Lucy	Acho que sim. Se o aluno se faz entender.. assim.. se o aluno
88		<u>passa</u> a mensagem dele com o sotaque dele <u>tranquilo</u> ..
89		↑Agora, se ele pronuncia uma palavra:: hã:: completamente

90		diferente a ponto de que essa palavra se descaracteriza
91		enquanto palavra: é aí é que fica complicado. Então, acho que
92		eu acredito nisso.. hã::: a questão do sotaque, a questão da
93		pronúncia. Se você está passando a sua mensagem e que claro
94		eu acho que a gente tem que apresentar para o aluno “olha
95		essa palavra é sei lá é... se fala assim nos estados unidos e se
96		fala assim em Londres” e aí ele sabe como é que essa palavra
97		é falada em tal lugar e aí se ele se.. se.. se ele sei lá::... hã:: é:::
98		deseja assim com o sotaque dele... deseja falar de uma forma
99		que ele se sente mais confortável com o sotaque dele mas é
100		igual a como se fala em uma cidade dos Estados Unidos, a
101		como se fala em Nova Iorque ou em Londres, beleza. Agora,
102		se ele não consegue ↑ <u>transmitir</u> a mensagem ou se a palavra se
103		descaracteriza enquanto palavra do tipo que você não
104		consegue reconhecer na pronúncia dele o que ele está
105		falando.. ↑aí eu acho que fica complicado.
106	Evellyn	Além dos alunos, você também aplicaria essa visão a::: a:::
107		aos professores?
108	Lucy	cara ↑aí eu não sei.
109	Evellyn	hhhhh
110	Lucy	hhhhh uuuuu
111	Evellyn	hhh
112	Lucy	há::: porque. hhhh
113	Evellyn	hhh
114	Lucy	hhh porque se:=
115	Evellyn	=Porque se você fosse uma coordenadora dessas que vai fazer
116		o treinamento você iria utilizar essa visão?
117	Lucy	Olha.
118	Evellyn	A pessoa ↑só tem que ser entendida e se ela for está tudo bem
119		então...
120	Lucy	Eu acho... hum... que eu não posso ser <u>hipócrita</u> .
121	Evellyn	hh
122	Lucy	E eu ↑me preocuparia MAIS com isso SIM <u>com certeza</u> ... eu
123		não ficaria só:, se eu fosse uma coordenadora de uma <u>escola</u> ,
124		de um <u>curso</u> , obviamente eu não estaria <u>só</u> olhando para <u>isso</u> ,
125		↑mas eu estaria, <u>sim</u> , olhando <u>também</u> para isso.
126	Evellyn	Por que você acha que para o professor é passar um modelo?
127	Lucy	Acho que passar um modelo é para a gente que é o ideal é:::
128		hã::: é importante.
129	Evellyn	Por isso é que eu perguntei. porque é::: eu me percebo da
130		mesma forma. Só que eu fico pensando ao mesmo tempo que
131		a gente tem que deixar o aluno livre que a ideia é fazer.. é
132		estabelecer a comunicação ↑e a partir do momento que ele
133		consegue ser entendido pelos seus companheiros de
134		comunicação e tal, ok, mas ↑e se ele quisesse se transformar
135		em um profissional daquela língua. daquele idioma. então ele
136		não vai ter tido sabe, uma formação que realmente fosse
137		ajuda-lo a encarar o mercado como ele é hoje em dia.
138	Lucy	É, eu acho que:: bom... eu acho que se ele quiser se
139		transformar em um profissional dessa língua eu acho que teria

140 141		que partir ↑ muito mais <u>dele</u> essa preocupação do que uma coisa externa, sabe? Uma coisa de fora, não sei.
142 143 144 145 146 147	Evellyn	Porque é muito difícil mesmo, sabe? Porque se nunca for apresentada a ele, essa preocupação.. ele não vai saber que ela existe. Então talvez ele nunca vá correr atrás. E, quando ele for correr atrás, ele já vai estar acostumado a falar de tal forma. Então, ↑ é complicado saber qual vai ser o procedimento.
148 149 150 151 152	Lucy	É: o aluno que quer se tornar um profissional da língua também vai ter que ter ciência de que ele estará em um mercado que vai exigir dele uma pronúncia perfeita. ↑ Não o falante mito que a gente sabe que não existe, mas vai caber ao aluno buscar isso ou não.
153 154 155 156	Evellyn	Em relação aos padrões que você cita como sendo norteadores do seu inglês ou de prestígio que você atribui falando de uma forma geral são advindos dos Estados Unidos e da Inglaterra, então?
157	Lucy	Sim... principalmente dos Estados Unidos.
158	Evellyn	Somos americanizadas!?
159	Lucy	↑ Com certeza!
160 161 162 163	Evellyn	E você também, tanto pela conversa passada quanto a de agora, pelo seu discurso, é que você acredita que o falar bem inglês ou que o domínio da língua inglesa é:: funciona como um ↑ abre portas para empregos e oportunidades?
164	Lucy	Com certeza <continuo acreditando nisso>
165 166	Evellyn	Você acha que por ter um inglês bom você conseguiu os empregos que você tem hoje? Você ainda percebe isso?
167 168 169 170 171	Lucy	Acho que sim. Acho que sim. <Com certeza> hã:: se eu tivesse.. sei lá. talvez acho que se a minha graduação não tivesse me preocupado com isso e tudo mais, sei lá, com o estudo da língua, com certeza eu não teria tido as oportunidades que eu tive hoje.
172	Evellyn	uhum
173	Lucy	Que eu <u>tenho</u> hoje.
174 175 176	Evellyn	Você ainda julga profissionais, assim como você, professores de inglês <u>formados</u> é: que não apresentam uma pronúncia ↑ tão boa?
177 178 179 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189	Lucy	Olha.. sinceramente. ↑ não julgo tanto não. Eu acho que já julguei muito mais.. ↑ hoje em dia eu não julgo tanto e hoje em dia eu julgo ↑ muito mais a::: por exemplo, com relação às pessoas que trabalham comigo, o tipo de aula que essa pessoa prepara, o tipo de ↑ prova que essa pessoa apresenta, o tipo de ↑ professor que essa pessoa é. Eu dou muito mais atenção a isso do que só a pronúncia que essa pessoa tem ou o nível de inglês >até porque eu acho que::.. bom.. pelo menos a <u>maioria</u> dos profissionais que convivem comigo tem um conhecimento suficiente da língua para dar aula para os níveis que eles dão< então hã:: eu não percebo que nenhum profissional hã:: ↑ que trabalha comigo seja capaz de prejudicar seus alunos por não ter um conhecimento é: ruim assim da língua. Então isso não

190		fica assim <u>tão</u> em evidência para mim.
191	Evellyn	Então hoje, para você, um falante de inglês como língua estrangeira ideal e muito bom é aquele que sabe mais o que da língua?
192		
193		
194	Lucy	Bom... hum...
195	Evellyn	Se você fosse colocar assim... de repente... o que que você acha mais importante? Talvez você ache a pronúncia mais importante... ou o domínio gramatical... ou... não sei o que que seria.
196		
197		
198		
199	Lucy	Não sei... acho que não tem um ↑mais importante... acho que ele tem que saber tudo um pouquinho, ↑né? Até porque bom falante ou professor, ↑né?
200		
201		
202	Evellyn	Falante.. um professor falante..
203	Lucy	Bom... quanto mais ele souber, ↑melhor né
204	Evellyn	Hum...
205	Lucy	Quanto ↑mais ele souber de tudo melhor.. mas acho que não tem um... acho que ele tem que saber mais pronúncia ou ele tem que saber mais gramática... ele tem que saber o <u>suficiente</u> para ensinar os seus alunos é:: o que é necessário e isso... isso... e eu concordo. Você vai pegar uma turma, por exemplo, você é um professor universitário e vai dar aula de fonética. Você não pode não saber porque você vai ensinar aquilo. Você tem que saber aquilo, mas se você é um professor de escola que vai ensinar aluno do ensino fundamental do quinto ao nono ano inglês, você ↑não precisa ser um mestre do: de:: de <sei lá> de <u>pronúncia</u> , porque ↑não é isso que está em questão. O que está em questão é a capacidade de ensinar o aluno saber <u>gramática</u> , interpretar um <u>texto</u> , fazer <u>perguntas...</u> então, eu acho assim. Que depende do que o professor vai ensinar. Agora, ↑conhecer de tudo um pouco, né? E ↑de tudo um <u>muito</u> , seria o mais interessante, na minha opinião.
206		
207		
208		
209		
210		
211		
212		
213		
214		
215		
216		
217		
218		
219		
220		
221	Evellyn	Tá bom... entendi...
222	Lucy	Ok.